

MOBILIZA CPII: ATOS DE CURRÍCULO NA CIBERCULTURA E NO CONTEXTO DE GREVE E OCUPAÇÃO DO COLÉGIO PEDRO II

CRISTIANE MARCELINO SANT'ANNA¹
JOELMA FABIANE FERREIRA ALMEIDA²

Resumo

Este artigo apresenta uma abordagem cotidianista sobre um dos dispositivos (Ardoino) que perpassam a pesquisa de doutorado de uma das autoras, na qual se investe na pesquisa-formação no contexto da cibercultura (Santos) para compreender como formam e se formam docentes da educação básica envolvidos em processos pedagógicos mediados pelas tecnologias digitais em rede, *criadospraticados* em contextos de ocupação e greve. Como campo, apresentamos o Colégio Pedro II, onde trabalhamos como docentes da disciplina Informática Educativa. O objetivo principal aqui é narrar a criação de um aplicativo chamado *MobilizaCP2*, ocorrida no cotidiano de greve docente e ocupação desse importante e historicamente crítico Colégio, abordando o potencial formativo que esse ato de currículo (Macedo) agregou às práticas docentes, bem como ao cotidiano desses movimentos. Apresentamos este texto a partir de três ideias fundantes: dos atuais movimentos sociais como fenômenos da cibercultura, da concepção de que ocupar é habitar com autoria e da elevação do fenômeno formação a um processo que se realiza em meio às ações curriculares e emerge sobretudo na experiência do professor enquanto sujeito que se autoriza na criação de atos de currículo na cibercultura. Assim, das nossas vivências nesses fenômenos e do esforço em compreender os atos docentes aqui abordados, apresentamos um caminho possível para refletir atos de currículo *praticadospensados* no seio de movimentos sociais na era da Internet.

Palavras-chaves: cibercultura, movimentos sociais, atos de currículo, aplicativo MobilizaCP2.

1Docente efetiva de Informática Educativa do Colégio Pedro II -RJ. Mestre em Educação pela UERJ. Membro do grupo de pesquisa Docência e Cibercultura e pesquisadora do Núcleo de pesquisa em Mídias e Linguagens (NUMILI)- Colégio Pedro II. Email: crika158@gmail.com

2Docente efetiva de Informática Educativa do Colégio Pedro II -RJ. Mestre em Educação pela UFPB. Doutoranda do Proped-UERJ. Membro do grupo de pesquisa Docência e Cibercultura do Proped - UERJ, Email: elma.faby.ane@gmail.com

Introdução: novos cenários sociotécnicos para pensar escola e formação docente na cibercultura

A Informática Educativa no Brasil tem despertado interesse de pesquisadores desde as décadas de 70 e 80, quando o cenário escolar era o da supervalorização do instrumental e da Instrução Programada por Computador (CAI) como meios de formar mão-de-obra qualificada aos moldes dos processos de desenvolvimento econômico praticados pelo país (OLIVEIRA, 2007). Na década de 90, do ponto de vista tecnológico, evoluímos para os *personal computers* e o acesso à Internet, mas as implicações com a Informática Educativa permaneciam focadas bem mais no uso do computador como ferramenta pedagógica do que em questões mais gerais como a formação de docentes, as novas relações destes com o conhecimento e a organização da escola para tornar possível práticas pedagógicas para além da automatização do ensino (VALENTE, 1997).

Embora a escola ainda fosse vista por muitos como um lugar onde o computador precisava ser implantado como uma ferramenta que chegasse para otimizar a Educação, neste mesmo período fomos contemplados com as obras de importantes estudiosos do assunto, a saber: Levy (1999) e seus conceitos acerca de *Cibercultura*; Castells (2008) e suas contribuições sobre a *Sociedade em Rede* e a noção do ciberespaço (Internet habitada por seres humano) como um espaço de fluxo intenso de informação. Estes e outros relevantes estudos marcam o início dos diálogos em busca de novos paradigmas sobre a Informática Educativa imersa em contextos de Educação em tempos de cibercultura.

A evolução tecnológica dos sistemas e redes de comunicação vem interferindo diretamente na sociedade e provocando significativas mudanças nos modos de pensar, comunicar, agir e aprender das pessoas. Se a criação da Internet foi uma revolução na comunicação, a imersão humana no ciberespaço faz emergir constantemente novas formas de nos relacionarmos com o mundo: nossos hábitos, nossas culturas, as formas de conhecimento e de comunicação e, inclusive, as formas de perceber esse mundo migraram de uma condição de uso, armazenamento e processamento de dados, para relações complexas e potenciais de conexão, cocriação e interatividade na interface cidade-ciberespaço.

O cenário político e social brasileiro é complexo e conflituoso e se encontra imerso na cultura do digital em rede. Estamos diante de uma nova configuração nas formas de comunicar os fatos e expressar nossas dúvidas e opiniões. Vivemos inclusive uma nova forma de democracia. Essa conjuntura nos apresenta o potencial de uma realidade em que as relações humanas ganham nova dimensão e sentido quando mediadas pelas tecnologias e redes digitais. Política, ciência, formação, tudo está em rede. Para além do avanço na capacidade de armazenagem de dados e na velocidade com que são processados, a evolução das tecnologias digitais e das redes interativas de informação e comunicação têm ressignificado costumes, culturas, maneiras de refletir o mundo e de aprender.

Refletindo a educação, à luz dessas transformações e relembrando as antigas tradições, recordamos que há pouco tempo acreditava-se que a escola tinha a tarefa exclusiva de proporcionar a aprendizagem de informações e conceitos e que a formação era uma espécie de propriedade privada da pedagogia. Os conhecimentos teóricos eram, aos poucos, apresentados pelos mestres aos alunos eram antinômicos, finitos e determinados. Vivíamos o sentimento utópico de que a escola era capaz de, por si só, garantir a cada pessoa o conhecimento suficiente para viver em sociedade, desde que a pessoa se deslocasse ao encontro da escola.

Ainda que vivamos num mundo globalizado, mas desigual, o acesso às informações é constante e profuso. Para além de emitidas, estas agora podem ser cocriadas, compartilhadas, modificadas em quantidade e velocidade nunca antes vivenciadas. Assim, para além de questões disciplinares e do currículo instituído, o conhecimento não está somente dentro das salas de aula, mas está na rede e na vida das pessoas *dentrofora* da escola. Em nenhum outro tempo as pessoas leram e escreveram publicamente e com tanta facilidade, por exemplo.

Na cultura contemporânea, pensar a escola enquanto espaço de formação em tempos de mobilidade e ubiquidade, nos leva a ideia de uma escola mais aprendente que ensinante. Considerando a Internet como uma mídia interativa e a atuação humana no ciberespaço, as experiências que as redes digitais nos permitem vivenciar, de experimentar o “tempo real” e o “conhecimento por simulação”; de participar de comunidades virtuais e de fóruns planetários; de estudarmos e nos formarmos em cursos superiores a distância e em

mobilidade, coloca-nos diante do desafio de acompanhar o imenso fluxo de linguagens no qual estamos imersos, ou de, pelo menos, sermos capazes de lidar com a contínua e acelerada transformação tecnológica e suas consequências para a vida no mundo.

Neste artigo, partimos da ideia de que a formação docente se dá em redes educativas múltiplas (Alves, 2010) cujas articulações entre si são potencializadas na/pela cibercultura. Para compreender a cibercultura, buscamos inspiração em Levy (1999), Lemos (2004) e Santos (2014) cujas abordagens acerca desse conceito dialogam entre si, transcorrendo sobre a cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais em rede e caracterizada pelo conjunto de produções culturais e fenômenos sociotécnicos emergentes das relações de coautoria entre seres humanos e artefatos tecnológicos; em que as pessoas estão em constante e potencial processo comunicacional, perpassando pelo sentimento de conexão generalizada instaurada pelas redes digitais.

Passamos pela web 1.0, em que quem acessava era “usuário” e mero receptor/leitor de conteúdos inalteráveis e pela web 2.0, em que vivenciamos mais *interatividade*³ (SILVA, 2002) e o surgimento de novas perspectivas comunicacionais presentes em blogs, wikis e redes sociais digitais. Atualmente, em tempos de web 3.0, somados à interatividade, à convergência tecnológica, à intensificação da conectividade e aos sentidos que emergem em nossas vidas através dos usos que fazemos dos computadores como máquinas semânticas (SANTAELLA, 2010), vivemos em tempos de mobilidade e ubiquidade. Fortemente marcadas pela comunicação em deslocamento, essas formas de habitar na interface cidade-ciberespaço configuram a possibilidade de estarmos em diferentes *espaçotempos pensadosvivos* em acessos e interações com/através de tecnologias multifuncionais, como tablets e smartphones.

Levy (1999) sinaliza a cibercultura como a transformação cultural mais veloz da civilização e acredita na necessidade de um olhar mais apurado e a longo prazo para compreendermos as transformações *criadasvivas* por uma geração interconectada. Em tempos de web 3.0 conhecimentos específicos de linguagens como HTML, por exemplo, já não são mais a condição essencial para que se produza e disponibilize conteúdos em/na

3 Para além da interação (acesso à mensagem), na interatividade o sujeito age sobre a mensagem, interferindo no conteúdo, modificando-o a tal ponto que receptor e emissor se confundem num intenso processo comunicativo.

rede. Isso não significa porém, que as formas de interação em rede tenham se tornado mais simples. Novos arranjos espaço temporais surgiram e com/neles, aflorou uma inteligência altamente variável e coletiva (Levy, 1999).

Acredita-se que a cibercultura veio ampliar o potencial cognitivo e comunicativo da contemporaneidade, possibilitando aos sujeitos atuarem como coautores da cultura social que se fortalece nas práticas coletivas de comunicação e cocriação em rede. Nela não há sentido no caráter uno, individualista, dos sujeitos, podendo ser considerada como um imenso universo, multi, que comporta diferentes realidades. E com isso, portanto, agrega certa complexidade às relações que emergem na cidade-ciberespaço.

Para Lemos (2010) as pessoas estão em constante e potencial processo comunicacional, perpassando pelo sentimento de conexão generalizada instaurada pelas redes digitais, em que o polo da emissão está liberado a tal ponto que emissor e receptor se confundem num movimento de constante coautoria no consumo, criação e distribuição de informações. Votação eletrônica, imposto de renda *online*, serviços de *homebanking*, movimentos sociais que se organizam em redes sociais digitais, compras *online* e, inclusive, escolas e educação *online* são exemplos de que viver nas cidades contemporâneas perpassa por esse sentimento (Lemos, 2004).

Nesse ambiente cultural imerso na interconexão mundial de tecnologias digitais, todo sujeito pode ser um praticante cultural que aciona meios de cocriação, acesso, captura e modificação de conteúdos; disponibiliza informações em vez de só recebê-las; cria comunidades pautadas em interesses comuns que mobilizam (são exemplos atuais as manifestações de apoio a movimentos sociais como #UERJResiste⁴ e #EuDefendoOCPII) e coletivizam saberes, negando a condição de mero espectador da mídia de massa. Mas é um espaço onde também afloram situações de conflito e violência que se constituem e viralizam nas mesmas condições de velocidade e coletividade. Um espaço de constantes relações entre poder e contrapoder. São alguns desses exemplos: cyberfacismo, cyberbullyng, ataques a pessoas (racismo, homofobia) ou instituições nas redes sociais.

⁴Sobre a hashtag #: símbolo que identifica na linguagem das redes sociais digitais uma palavra-chave criada por um praticante, cujo sentido possa ser seguido e compartilhado por qualquer pessoa que tenha interesses semelhantes, mesmo que não seja um seguidor, amigo ou fã do seu criador.

Assim, corroboramos a noção de que a cibercultura é sobretudo um fenômeno humano, tal como alguns estudiosos da área afirmam, mediante os usos que fazemos dessas tecnologias. Rocha (2012, p.31) reforça essa ideia:

A cultura contemporânea mediada pelo digital em rede, cibercultura, traduz formas de se estar no ciberespaço e nas cidades, com suas técnicas, práticas, atitudes, navegações, mas principalmente com tudo aquilo que é do humano: valores e crenças, tanto quanto virtudes e errâncias. As expressões que estão no ciberespaço são expressões de nós mesmos, com todas as contradições presentes em nossa realidade. As tecnologias digitais em rede não são atores autônomos, separados da sociedade e da cultura na qual estão imersos, o ser humano não pode estar separado de seu ambiente material, por meio do qual atribui sentidos à sua vida cotidiana.

Santos (2014) também nos revela que a cibercultura enquanto fenômeno cultural humano permeado pelos usos que fazemos/praticamos das tecnologias e redes digitais precisa chegar na escola tal como ela é. Assim, acreditamos que como professoras de Informática educativa é nosso papel ajudar a escola a pensar e instituir programas de formação docente que abordem as tecnologias digitais em rede, para além do uso como apoio ao ato pedagógico e mais numa perspectiva de inclusão cibercultural⁵.

Segundo Santaella (2004), vivemos o ato em que todas as linguagens são acolhidas pelos dígitos. Toda tecnologia é uma tecnologia de linguagem, que transforma a linguagem em si e, conseqüentemente, as nossas habilidades mentais. Esse caráter plural, aflora a necessidade de uma compreensão das invenções dos sujeitos através do diálogo multirreferenciado, que nos ajude a entender espaços plurais de docência, formação e pesquisa na cibercultura, *dentrofora* da escola. Assim, vislumbramos as práticas docentes como ações que aproximem as noções de educação e cultura. Não uma cultura a ser pedagogizada ou explicada, mas que seja vivenciada e refletida na/pela escola tal como ela é.

⁵Buscamos fundamento em Santos (2014) ao entender a inclusão digital do docente como a sua condição de estar apto a usar o computador, softwares e recursos digitais que permeiam a cibercultura e a inclusão cibercultural como uma condição para além de usuário, configurando algo mais que somente usar tecnologias digitais ou preparar pessoas para usá-las; algo como apropriar-se do novo paradigma cultural para ser sujeito das suas próprias práticas e formas de atuar no espaço e no ciberespaço.

1. Sobre fazer pesquisa-formação na cibercultura: dispositivos que emergem e o contexto da pesquisa

“Dia 14 de outubro de 2016. Os alunos estavam reunidos no bosque do Pedrão⁶. Eram muitos meninos e meninas que faziam ecoar palavras de ordem do tipo: “Vamos votar!!!”, “Precisamos falar com os alunos do EJA, precisamos nos organizar!!!”. Era o início da ocupação.

Sala dos professores. A notícia chega no Pedrinho. Mais ecos: “Eles vão ocupar!!! “Como vai ser isso?”, “Mas os alunos do Pedrinho não ocupam; são pequenos...”, “Agora vai ter que rolar uma greve!”

Dia 19 de outubro. Pedrão ocupado. Novos ecos: “Vamos ser impedidos de entrar por essas crianças?” “Gente, isso é uma ocupação, eles irão tomar conta.”. “Achei isso um absurdo; uma menininha de short impedir a minha entrada na escola, pedindo minha identificação?”

Dia 26 de outubro, lotando o auditório Mario Lago em São Cristovão, os docentes do Colégio Pedro II decidem entrar em greve a partir de 28 de outubro de 2016, dia do funcionalismo público. Nós votamos sim!”

Narrativas das autoras

A narrativa compartilhada acima se configura a partir de uma greve dos professores do Colégio Pedro II. O cenário era de greve geral nos 14 campi da instituição, que se fortaleceu no movimento de ocupação dos mesmos por seus discentes. Nesse período em que várias ações emergiram, como assembleias locais e gerais, abraços às diversas unidades da escola e panfletagem nas ruas, a comunidade escolar (servidores, pais e alunos) começou a se organizar virtualmente. Espaços como grupos no Whatsapp e páginas no Facebook foram criados e habitados para que as discussões fossem feitas e ampliadas para além dos *espaçostempos* das assembleias.

Alguns desses grupos do Whatsapp, como o *MobilizaCP2* e o *Engenho na luta*, foram criados com o intuito de compartilhar informações sobre as reuniões do comando de

⁶No Colégio Pedro II, instituição federal de ensino no Rio de Janeiro, os campus são conhecidos como Pedrinho (Ensino Fundamental 1 – 1º ao 5º ano) e Pedrão (Ensino Fundamental 2 – 6º ao 9º ano e Ensino Médio).

greve e seus desdobramentos, além de serem espaços para conversar sobre dúvidas e medos acerca do movimento e organizar ações locais⁷. Essas ações locais demandavam estudos sobre alguns temas específicos e preparação de material didático para uso durante as palestras/conversas. Assim, o grupo foi também utilizado para que os materiais fossem planejados, compartilhados e discutidos em um exercício de escrita coletiva, não dos conteúdos de que cada docente-praticante é especialista, mas no desenho colaborativo de ações que nos formaram e nos fortaleceram politicamente nas reflexões de nossas ações, fossem individualmente ou enquanto grupo.

Considerando que fazer pesquisa-formação é buscar formas de compreensão da realidade num constante movimento de interpretação das expressões que emergem nos/dos processos comunicativos entre os praticantes⁸. Percebemos e vivenciamos, tal como mostram as narrativas acima, múltiplas e coletivas formas de mobilização dos praticantes. Nossa intenção é sair da ideia do “é isso ou aquilo” e passar para “é isso, é aquilo e aquilo outro também”, numa perspectiva cotidianista de não buscar entender o que está certo ou errado, mas sim o que “é” (realidade), em ato e em potência.

Assim, investimos no diálogo epistemológico com a pesquisa nos/dos/com os cotidianos, em que trazemos como referência Alves (2008), entendendo como essencial a compreensão dos acontecimentos culturais e dos modos como os praticantes se relacionam uns com os outros e com os artefatos ciberculturais. Isso porque acreditamos que a realidade aqui abordada se desenha nas nossas vivências ciberculturais de (co)autoria em um movimento de greve e ocupação.

Como referências, Santos (2014) e Macedo (2006) contribuem para a compreensão de um modo crítico de fazer ciência, inspirado na etnopesquisa, onde a verdade tem caráter provisório e relativo, fruto da observação atenta de tudo que possa ser comunicado, interpretado e assimilado. Nesse método, o docente-pesquisador precisa criar ambiências que permitam a aproximação (diálogo) máxima, horizontal e constante com os sujeitos, estabelecendo uma relação de interdependência com o outro e com o contexto.

7As ações locais tinham como objetivo esclarecer e buscar mais aliados ao movimento, fortalecendo-o através de ações formativas sobre temas como Escola Sem Partido e PEC 55 (Proposta de Emenda à Constituição) – PEC do Ensino Médio.

8Termo criado por Certeau (2012) para mencionar aqueles que vivem as práticas cotidianas.

Em nosso grupo de pesquisas, o GPDOC, trabalhamos com a noção de dispositivo em Arduino (2003), para quem: dispositivos são modos, recursos, meios através dos/nos quais os sujeitos expressam as noções das quais o pesquisador necessita para compreender os fenômenos. Assim, concebemos as criações acionadas ora pelo pesquisador-praticante, ora pelos sujeitos-praticantes como recursos que ajudam na compreensão do objeto de estudo e sua relação com o contexto em que foi *criadoacionado*.

Este artigo apresenta uma parte da pesquisa de doutorado, ainda em andamento, de uma das autoras. Abordaremos a seguir o contexto em que o objeto de estudo se revelou e um dos dispositivos acionados por uma professora, sujeito-praticante da pesquisa. Trata-se de um aplicativo chamado *MobilizaCP2*. Assim, este texto nasce da parceria coautoral entre docente-pesquisadora e docente-praticante da pesquisa.

Ambas professoras do Colégio Pedro II, vivenciamos em 2016 o fenômeno cibercultural das manifestações que aconteceram nas redes sociais acerca de decisões e fatos ocorridos no Colégio que historicamente é uma instituição pautada na criticidade do mundo. Discussões sobre a retirada da identificação de gênero do uniforme escolar e a ocupação de vários campi por alunos contra o “Movimento Escola sem Partido” e a “Reforma no Ensino Médio” foram motivos de manifestações de ódio e repúdio ao Colégio e às práticas de seus docentes (imagem 1). Imagens e narrativas viralizadas na Internet, sobretudo nas redes sociais, se estenderam a manifestações ocorridas em espaços da cidade.



Imagem 1: Criança em manifestação de responsáveis por alunos do Colégio Pedro II contra a retirada de identificação de gênero pelo uniforme escolar, em Copacabana, RJ.

Fonte: www.facebook.com.br

Um momento em que o Brasil vivencia o Movimento estudantil ocupando escolas e instituições de ensino superior e a mobilização de servidores públicos em greve contra reformas em leis que abrangem o investimento em Educação e o currículo da Educação básica, me conduz para um envolvimento ainda mais implicado com minha pesquisa. Para justificar tal implicação, me reporto às noções de *fragmentações e simplificações* (Macedo, 2011) no esforço de compreender o momento político pelo qual estamos passando como o resultado de uma visão fragmentada da realidade, numa perspectiva perversa de medidas que parecem surgir da análise das partes pelo todo e que tentam agir sobre uma pretensa verdade totalizada que nos é imposta. A visão fragmentada de uma realidade complexa acarreta prejuízos irreparáveis, como analisa Macedo (2011, p. 21):

Nas asas das fraturas epistemológicas chegam as simplificações, ou seja, as visões parciais da realidade, as explicações atomistas do mundo. Simplifica-se a economia reduzindo-a ao cálculo, com prejuízos sociais e humanos incomensuráveis diante desta perspectiva perversa de compreender e realizar as ações econômicas onde vidas humanas e processos de exclusão históricos estão implicados.

Sabemos que os movimentos sociais não têm suas raízes fincadas nas tecnologias digitais de comunicação. Tampouco nascem somente da condição de pobreza ou desilusão política (Castells, 2013). Em tempos de cibercultura, acreditamos numa complexa e crescente rede de fatores que mobilizam emocionalmente pessoas de alguma forma interconectadas por indignações comuns que a injustiça muitas vezes incontestável provoca, onde essa mobilização se dá através de um processo de ação comunicativa coletiva e em rede.

Assim, partindo da ideia que as pessoas conseguem enfrentar o poder instituído se, ao conectarem-se entre si, transgredirem o pensamento individualista rumo a uma coletivização possível através de ações em prol da sociedade como um todo, concordamos com Castells (2013) ao ressaltar que essa conectividade será tão forte quanto mais forte e horizontal for a comunicação através de redes comunicativas interativas. E atualmente, a forma fundamental de comunicação e conexão generalizadas é mediada pelos usos das tecnologias digitais em rede. Dessa forma, é fundamental considerarmos o papel das redes

digitais de comunicação sem fio (em mobilidade e ubiquidade) na caracterização de movimentos sociais com processos de criação de *espaçostempos* de luta e mobilização próprios e aspectos simultaneamente locais e globais.

2. Mobiliza CPIO: ato de currículo nascido no contexto de ocupação e greve do CPIO

Partindo da noção de formação e currículo como duas dimensões imbricadas, encontramos no diálogo com a Teoria sobre Atos de Currículo de Macedo (2011) um caminho para pensar a formação docente para além do que acontece somente em espaços formais de aprendizagem e a partir de um debate reflexivo sobre as relações entre as mesmas. Assim iniciamos o diálogo na crítica aos currículos fragmentados através dos quais tantas vezes somos levados a entender o mundo. Como se a vida pudesse ser explicada em partes simplificadas e antinômicas: pedaços de história, pedaços de Matemática, pedaços de biologia, pedaços de artes, tão fragmentados quanto impossíveis de serem praticados fora da escola.

Esta visão simplista e departamentalizada consolidada na modernidade nos põe diante de um conhecimento que não olha para nossas invenções e descobertas, num contexto em que as ciências em geral não dialogam entre si. Nosso esforço aqui é para superar essas perspectivas de práticas formativas, sobretudo no contexto cibercultural em que as redes estão dispostas de maneira tal a potencializar intensas trocas de saberes e experiências.

Percebemos na teoria de Macedo (2011) conceitos fundantes para a compreensão das noções que possam surgir ao longo da pesquisa. O autor traz a possibilidade de um *currículo multirreferencializado* como superação do abstracionismo disciplinar que abordamos anteriormente. Trata-se de um currículo que nasce da/na reflexão da formação que pode ocorrer nos diversos *espaçostempos vividospensados* por seus praticantes. São práticas muitas vezes não escritas/formalizadas, mas existentes em ato. Assim:

A resultante disso no processo formativo é a construção de uma perspectiva que apreenda o conhecimento como ato humano constituído numa temporalidade e num contexto de interesses, de intenções, para alcançar objetivos específicos da época, com todas as suas contradições. Aparecerão aí, com todas as suas virtudes,

fragilidades e impurezas, as ações propriamente humanas de constituição dos saberes e dos conhecimentos científicos (MACEDO, 2011, p.28).

Ao pensar a formação docente, Macedo traz à tona a “crítica à redução da qualidade da formação ao que simplesmente apontam indicadores numéricos, ou ao currículo como prescrição” (MACEDO, 2011, p.15). Ele vem propor reflexões e possibilidades sobre como os praticantes, intimamente ligados a seus contextos socioculturais, podem agir nas cenas curriculares e serem coautores dos seus processos de aprendizagem (formação) pelos seus atos de currículo. Nesse sentido os sujeitos são concebidos como coautores de si enquanto docentes criadores, e não meramente portadores, de sentido nos/dos processos de formação que se dão continuamente no exercício de sua profissão e em sinergia com o contexto cultural do qual participam.

Considerando o contexto da pesquisa que dá origem a este artigo, venho narrar a necessidade que enquanto pesquisadora do cotidiano tive de mergulhar com todos os sentidos (Alves, 2008) no campo com o intuito de perceber os dispositivos acionados por seus praticantes e como afetaram a realidade que estávamos vivenciando. De antemão os percebo e apresento como atos de currículo nascidos na interface cidade-ciberespaço e das ações de docentes e discentes imersos nos movimentos de greve e ocupação do Colégio Pedro II, com os quais tenho dialogado constantemente ao longo das leituras e escritas da tese.

Assim, para além da ideia de formação como capacitação, treinamento ou qualquer outra ação que vise uma espécie de “desenho curricular de si”, acreditamos ser necessária a criação de tessituras entre currículo e formação que revelem o currículo dito formal como um dispositivo⁹ revelador de políticas e experiências educacionais que agreguem sentido ao ato de educar como práticas que são socialmente construídas. Nesse sentido, um currículo em ato se constitui nas relações não-fragmentadas entre forma e conteúdo, instituído e instituintes, ciência e empiria e entre contradições e complexidades naturais das ações humanas.

⁹Macedo (2011) concebe dispositivo não apenas como um instrumento, mas uma escolha ancorada em epistemologias, políticas e éticas que todo conhecimento formativo configura.

Atos de currículo têm na essência das práticas docentes cotidianas os sentidos que lhe conferem vida. Considerando o ato como um gesto ético, implicado e situado e a importância de considerar formação e currículo duas dimensões inseparáveis, os atos de currículo se constituem num potente analisador da *práxis* docente e é nesse processo que apresentamos a seguir reflexões em coautoria e diálogos praticados na perspectiva da horizontalidade entre pesquisadora-praticante e sujeito-praticante da pesquisa. Trata-se da criação do aplicativo *MobilizaCPII* como um dispositivo acionado por uma docente (sujeito-praticante) e com quem estive mobilizada durante os movimentos de greve e ocupação que configuram o objeto de estudo da minha tese.

2.1 Reflexões sobre *praticasteoriaspraticas* docentes e os usos colaborativos do MobilizaCP2: “*Eu posso inserir informações no seu aplicativo?*”

O uso de um aplicativo no celular ou no computador, a busca de informações sobre os temas e o movimento cíclico de compartilhamento, debate, re(escrita) e novamente o compartilhamento em rede só confirmam o que diz Pretto (2010):

[...] a troca permanente de informações e conhecimentos possibilita a implantação de um círculo virtuoso de produção coletiva, inspirado na ideia de que conhecimento e cultura não são bens tangíveis e escassos, que ao serem consumidos se exaurem. Ao contrário, quanto mais eles circulam e são trocados, mais a criação é estimulada. Atribui-se a Bernard Shaw uma excelente frase que serve de metáfora para essa discussão: “Se você tem uma maçã e eu tenho uma maçã, e nós trocamos as maçãs, então você e eu teremos uma maçã. Mas se você tem uma ideia e eu tenho uma ideia, e nós trocamos essas ideias, então cada um de nós terá duas ideias”. (s/p)

Ainda que de forma intuitiva e levados por um movimento político denominado greve, os praticantes culturais envolvidos, em lócus nas reuniões e assembleias em diferentes campi ou geograficamente dispersos, exerciam suas autorias de forma descentralizada criando memes, postando informes, datas, links, vídeos, compartilhando slides produzidos a partir dos debates presenciais ou on-line. As demandas do movimento fizeram com que surgisse um uso pedagógico de um aplicativo de celular onde cada praticante era um *discentedocente* em potencial ou como diz Silva (2002): de apresentador

que separa palco e plateia, o professor passa a arquiteto de percursos, mobilizador das inteligências múltiplas e coletivas na experiência da cocriação do saber” (s/p).

Nas assembleias gerais, momento em que todas as unidades se reuniam para pensar, socializar ou ratificar estratégias para continuidade do movimento, era disponibilizado um número grande de informações geradas a partir de assembleias locais. A assembleia geral como espaço de partilha nos dava uma visão global das atividades de cada campus e do colégio como um todo.

Nos diálogos no whatsapp, a verticalidade das postagens e o grande número de praticantes e suas contribuições, em alguns momentos, tornava-se um dificultador no que se refere a filtragem das informações mais relevantes. A partir dessa realidade surgiram os seguintes dilemas: de que maneira filtrar as informações sem anular as narrativas formativas do grupo? E as narrativas e práticas desenvolvidas em outros campi: como e onde poderiam se unir a outras narrativas a fim de mostrar o panorama do movimento do colégio como um todo?

As inquietações acima e a implicação¹⁰ com o movimento deram origem ao aplicativo *Mobiliza CP2*, elaborado on-line na Fábrica de Aplicativos. O aplicativo buscou reunir de forma organizada as informações mais relevantes sobre o movimento como um todo (ações globais e locais de todos os campi em greve e das ocupações) utilizando ícones que apontavam para os espaços *criadosocupados* pelos praticantes nas redes sociais, a saber:

- Mobiliza Realengo – página criada no Facebook para socializar as ações realizadas pelos praticantes do Campus Realengo.
- Ocupa Tudo CP2 – páginas de todas as ocupações dos estudantes nos campus do Colégio Pedro II
- Twitter #eufendooocp2 – reunião de todas as postagens do twitter com a #eufendooocp2
- Sindiscope – feed de notícias do site do Sindicato de docenteski
- Eu defendo o CP2 – feed de postagens da primeira página criada em defesa do Colégio Pedro II

10 A implicação como conceito explicita os vínculos que constituímos e ao mesmo tempo nos constituem, quando nos relacionamos e subjetivamos nossas realidades com esses vínculos. É a forma pela qual nossa existência se implica e é implicada a crenças, desejos, projetos, conscientes ou não (MACEDO, 2013, p.434).

- Ocupa CP2 no Congresso – link para o site de Vaquinha on-line criado a fim de arrecadar fundos para enviar uma aluna para discursar no congresso e representar o Ocupa CP2.



Imagem 2 - App Mobiliza Cp2: layout da tela inicial
 Fonte: criada pelas autoras

Todos os dados, falas, informes, materiais didáticos produzidos, vídeos, diários das ocupações e as narrativas dos praticantes alimentavam o aplicativo automaticamente e a todo instante através das redes. Esse dispositivo se fortalecia na colaboração dos praticantes. O desafio era encontrar um meio de organizar as datas dos eventos de todos os campi de forma descentralizada, isto é, de um modo autônomo em que cada unidade postasse suas ações e ao mesmo tempo tivesse acesso às informações das outras unidades. Isso sem que fosse necessário qualquer tipo de conhecimento mais rebuscado em informática.

Os primeiros convites para a colaboração no aplicativo foram feitos via Whatsapp para contatos pessoais de praticantes de diferentes campi. Alguns desses contatos indicaram novos praticantes que poderiam também colaborar e dessa rede iniciamos a alimentação e articulação de uma agenda coletiva de todo o movimento.

Toda as pessoas escolhidas ou indicadas para serem colaboradores eram professores do Colégio Pedro II imersos em um movimento de greve ocorrido após as manifestações de

2013¹¹, que se iniciaram nas redes e foram para as ruas demonstrando o potencial dessa cultura do digital que oportuniza a autoria através das comunidades virtuais que se formam e nos formam. Mas, ter presenciado as manifestações de 2013 ou estar inscrito em redes sociais não foi condição suficiente para que os docentes compreendessem o momento cibercultural no qual estavam atuando. Isso é dito pois durante o processo inicial de inserção de informações no aplicativo, os docentes tinham dúvidas de que a eles foi dado um convite para habitar um aplicativo hipertextual,¹² criado e ampliado através de suas contribuições e de que não havia um autor (dono do App) , mas sim coautores do processo.

Dizer que o aplicativo MobilizaCP2 é hipertextual significa considerar o hipertexto como uma forma de comunicação em rede que agrega sentidos às narrativas. Uma abordagem semântica própria da convergência (hibridismo) de linguagens que a rede proporciona. Os textos articulados através dos links e outras postagens no App, tornaram-se um imenso texto, que podia ser escrito, oralizado e visualizado *dentrofora* do aplicativo e que proferia saberes de luta e mobilização entre os campi e desses com a sociedade.

O movimento de greve nos levou a criar novas práticas colaborativas, novos atos de currículo, novas forma de *aprenderfazeraprender* que são potencializadas pelo digital em rede. O aplicativo que inicialmente era visto como de alguém que o criou e que deveria ser compartilhado somente com autorização do autor passou aos poucos a ser entendido como coletivo a cada colaboração, apresentação nas falas dos companheiros em assembleia, compartilhamento de links no facebook, apresentação em congressos e etc. A vivência cibercultural proporcionada pelos usos do aplicativo foi portanto uma forma de entender o fenômeno a partir dele, sendo parte ativa do processo não só como consumidor mas como (co)produtor da informação.

11 “O que a princípio surgiu como uma sociedade civil desorganizada eclodiu em alguns movimentos (“Movimento Passe Livre (MPL)”, “Movimento Ocupa”, “Movimento vem pra rua”) organizados com diversas reivindicações nas áreas de saúde, educação, direitos humanos. Todos esses movimentos provieram de uma longa jornada de mobilizações via redes sociais e nas cidades, que foram ganhando força e tomaram as ruas das principais capitais do território nacional.”(Rossini e Santos , 2014)

12 Levy (1993) diz que “o hipertexto é talvez uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo”. (pg. 25)

Considerações Finais

Ao vivenciarmos esses movimentos, antes de tudo, por acreditar no poder que temos de *re-existir* com nossos diálogos e práticas que se opõem a imposições que possam de alguma forma comprometer nosso engajamento com a educação de qualidade como direito do cidadão, temos aprendido muito sobre a importância desses movimentos nas nossas formações. Essa consciência crítica e política que emergiu em atos coletivos de luta potencializados pela mediação das tecnologias digitais em rede tem nos aproximado ainda mais do nosso trabalho, do objeto de estudo e dos praticantes da pesquisa (esse artigo é fruto dessa aproximação).

Assim se fortalece meu compromisso implicado com uma pesquisa de doutorado que me ajude a compreender o lugar do docente (e aqui eu me incluo) na construção de uma sociedade crítica e colaborativa, ao refletir nossas práticas e formações como fenômenos vivos nesses movimentos sociais em tempos de cibercultura. Como professoras de Informática Educativa, compreendemos com/nos/dos movimentos de greve e ocupação do Colégio Pedro II que, para mais que uma disciplina, esse saber foi *praticadopensado* por docentes e discentes seguindo a lógica da transversalidade, tal como é na vida.

Referências

- ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: ALVES, Nilda e BARBOSA, Inês (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3 ed. Petrópolis: DP&A, 2008.
- _____. Redes educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio D. L. (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010: 49-66.
- ARDOINO, Jacques. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília: Plano Editora, 2003.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 19ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEMOS, André. (org.) **Cibercidade. A Cidade na cibercultura**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.

LEMOS, André; LEVY, Pierre. **O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, Roberto S. **Etnopesquisa crítica Etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

_____. **Atos de currículo formação em ato?** para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação. Ilhéus, BA: Editus, 2011.

_____. Atos de currículos: uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares. In: **Currículo Sem Fronteiras**, v. 13, n 3, p. 427-435, set.-dez. 2013.

PRETTO, N. **Um jeito hacker de ser**. 2010. Disponível em: <<https://blog.ufba.br/nlpretto/?p=1809>> Acesso em 14/04/ 2017

ROCHA, Aline A. W. N. da. **Educação e cibercultura: narrativas de mobilidade ubíqua**. Rio de Janeiro, RJ, 2012, 58p. Mestrado (Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ROSSINI, T., SANTOS, E. Comunidade REA-Brasil no Facebook um espaço de ativismo, autorias, compartilhamentos e inquietações. In: PORTO, Cristiane ,SANTOS, Edméa (orgs). **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014. 448 p.

SANTAELLA, Lucia. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. *In: LEÃO, Lúcia (orgs.). Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.

_____. **Ecologia pluralista da comunicação / conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010. – (Comunicação) ISBN 978-85349-3212.

SANTOS, Edméa de O. **Pesquisa-formação na cibercultura**. 1 ed. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

_____. **O professor on-line e a pedagogia da transmissão**. 2002 Disponível em <http://www.saladeaulainterativa.pro.br/texto_0002.htm> Acesso em 10/042017

VALENTE, José A., ALMEIDA, Fernando J. Visão analítica da Informática Educativa no Brasil: A questão da formação do professor. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. Vol.1,número 1, 1997. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/2324>. Acesso em 07/09/2016.